

**Prof.<sup>a</sup> Neide F. Aveloni**







**A**rthur, caríssimo Arthur!

Constato, com prazer, que você aceitou rever seu conservadorismo estético! E, agora que chegamos a um bom termo, mando aqui minha colaboração para seu projeto. Sendo bem sincera, assumo que, além de auxiliar meu Flavinho nesses primeiros passos, participo apenas para honrar a memória de sua mãe. Sempre fui muito amiga de seus pais. Juntos ou separados, eles seguraram inúmeras barras minhas. Inúmeras. Principalmente no período que culminou naquela internação de quarenta anos atrás. Você não se lembra, ainda nem

era nascido, mas foi feio, Arthur. Feio, feio, feio. E... Posso chamá-lo de Tutu? Imagino que hoje ninguém mais o chame assim, deve estar enorme, um baita marmanjão. Mas eu conheci você como Tutu. Recém-nascido, pequenininho. Tutuzinho. Foi logo quando voltei ao Brasil em... Ah, bateu uma coisa boa aqui. Uma saudade daqueles dias. Que barato. Vou continuar com Tutuzinho então, tá? Para tentar prender essa nostalgia gostosa aqui comigo. É louco, Tutuzinho, como a vida se sedimenta sobre nós sem nenhuma ordem ou lógica. Salta, num flash, da minha internação à volta da Itália. Nem parece que quase dez anos separam um fato do outro ou que eles configuram polos extremos da minha história. Hoje, os dois se assentam calmamente aqui, empastelados num mesmo bloco, corridos numa mesma frase. Acho louco. Nossa memória sai dos tempos mais terríveis e entra nos mais ensolarados sem avisar, sem dar seta... Aquela época da internação foi complicada pra mim. Bem complicada. Também, era muita piração, né? Meu olfato atrevido dos vinte anos não parava quieto, mergulhava de cabeça em qualquer pocinha. Aí veio Águas Claras. Veio o amor, veio a doideira. A paixão. Tudo junto, violento. O mundo se abrindo numa porrada

multicolorida. Como é perversa a juventude do nosso coração, Tutuzinho. Não deu pra aguentar. Despiroquei, espanei o parafuso. Foram meses difíceis, pensei que nunca mais fosse voltar. Sua mãe me ajudou muito. Seu pai também, mesmo com aquele jeitão mocorongo que ele tinha. Então, voltei. A noite fria nos ajuda a amar mais o dia, ensina a canção. Voltei, tomei jeito. Tomei jeito, mas sem caretice, Tutuzinho! (Ainda se fala caretice? Ou é careteta usar o termo?) E chega de divagar. O que eu queria dizer já disse: considero minha participação nesse seu projeto uma retribuição a minha grande e eterna amiga, sua mãe.

Porque, não me leve a mal, o projeto em si é uma tremenda besteira. Até admiro seu esforço na realização da empreitada, mesmo ela resultando em algo tão tolo e inútil. Acho bonitinha essa sua pureza diletante. Também nem me incomodo tanto com os erros mais básicos, como você não saber que existem duas Ubatubas no livro de Staden e a “principal” delas, na qual se passa boa parte da história e onde ele encontra o lendário cacique Cunhambebe, não corresponde à Ubatuba atual, mas a algum lugar próximo a Angra dos Reis. (Você não leu o livro, Tutuzinho? Esse esclarecimento,

além de constar nas notas de várias edições atuais, é fácil de se concluir comparando distâncias em alguns trechos do texto. Como este, logo no começo do capítulo 40: “Cerca de oito dias antes da partida para a guerra, um navio francês tinha surgido a oito milhas de Ubatuba, em um porto que os portugueses chamam Rio de Janeiro”). Erro crasso, mas permitido ao amador. Meu problema mesmo, garoto, é com o objetivo geral. Com esse lance de “se encontrar” e tal. Que babaquice piegas, Tutuzinho. Que egotrip melodramática.

Mas compromisso é compromisso, e sempre honrei os meus. Por isso, a seguir, você encontrará toda a informação que pude coletar. Não sou exatamente uma sumidade no assunto, já que o período antecede em um século e meio aquele no qual concentro meus estudos. Mas um ou outro dado relevante sempre dá pra pontuar. Só não se esqueça: modere o tom de algumas afirmações quando fizer a redação final. Quanto menos um texto revela a expressão de seu autor, quanto menos vivo ele parece, maior a chance de ser lido com seriedade.



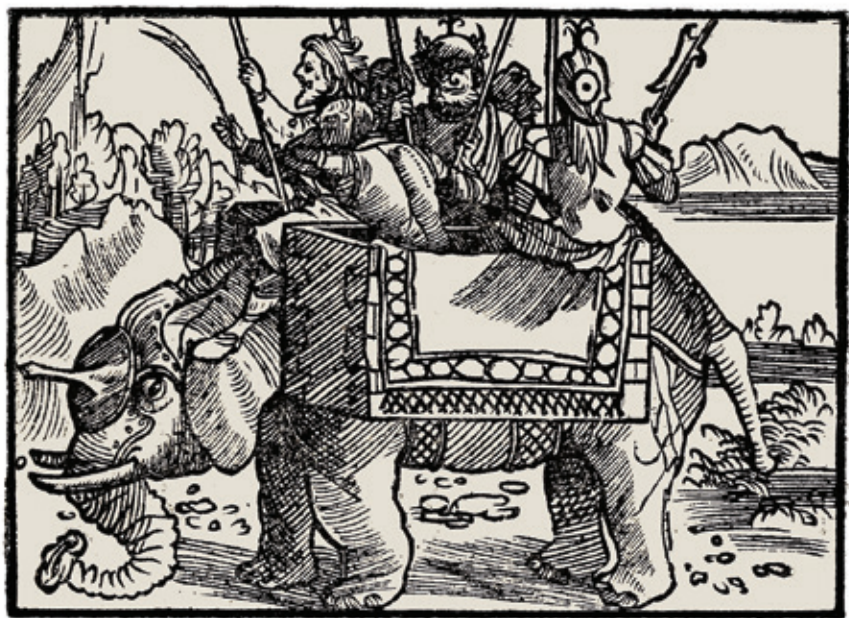
**N**o mesmo ano em que o livro de Hans Staden foi publicado em Marburgo, 1557, surgiu outra edição da obra, dessa vez em Frankfurt, grande centro da produção editorial da época. Se analisada hoje, tal edição seria imediatamente enquadrada como pirata. O termo, porém, não se aplicava nem às leis, nem aos usos e costumes de então. Por isso, cuidado, meu bem: há perigo na esquina. Não caia na besteira de analisar o passado com olhos do presente. Errar um dado ou outro ainda vá lá, Tutuzinho. Mas fuja — fuja — do recurso rasteiro de julgar o que ocorreu há séculos aplicando valores de hoje em dia. Esse ar de autoridade moral com o qual se costuma criticar atitudes do passado é, além de raso, inócuo. Somos tão condicionados por nosso tempo quanto nossos antepassados o eram. E voltemos à edição de Frankfurt, na qual, se o texto correspondia fielmente às palavras impressas no original, o mesmo não se podia dizer das gravuras. Estas passavam longe não apenas de qualquer menção a sua matriz, como também de qualquer menção ao Brasil.











No frontispício, um barbudo seminu e macabúzio até pode ser associado à representação de Staden. Contudo, os trajes otomanos dos “índios” empurrando um corpo humano decapitado para a boca de um forno em nada se assemelham à descrição dos Tupinambá feita pelo alemão. Nas páginas internas, a situação não melhora. Pelo contrário: as xilogravuras trazem personagens desfilar longas vestes e turbantes. Sabres, móveis ornamentados. Numa delas, o retrato de um exemplar da fauna local. Onça? Tucano? Tamanduá? Não, elefante. Claro, hoje parece absurdo. Provoca gargalhadas, tamanho o despropósito. Mas se o provável raciocínio “animal exótico é tudo igual” fosse tão imbecil assim na época, ninguém teria feito. Então, Tutuzinho, repito: em vez de ficar se refestelando com uma superioridade intelectual que você — sinto informar — não possui, mais vale se aprofundar nos motivos que levavam à utilização de retratos do Oriente para ilustrar um texto descrevendo o Brasil. Pois basta uma rápida olhada em outras edições posteriores do livro para se notar que, quanto ao uso de ilustrações, a de Frankfurt estava mais próxima da regra que de uma exceção bizarra.

(E, caso queira ser mais preciso na redação final, Tutuzinho, as ilustrações dessa edição de Frankfurt foram originalmente criadas para acompanhar o relato de uma viagem à Ásia feita pelo italiano Ludovico Varthema em 1515. A imagem do frontispício retrata uma cena de canibalismo em Java.)

Em Amsterdã, 1558, a narrativa de Staden foi publicada com imagens criadas a partir das xilogravuras originais. Curiosamente, porém, removeu-se toda e qualquer menção visual à antropofagia. A icônica cena do banquete canibal, por exemplo, uma vez despida de cabeças e membros humanos, adquiriu tons frugais de um alegre piquenique. Todas as outras ilustrações, aliás, ganharam entalhes mais inocentes quando comparadas às originais.











Em 1634, na mesma cidade, a mesma edição foi reimpressa. Mesmo texto, mesmas imagens. Quer dizer, quase. Havia uma única exceção, a extravagante gravura adicionada ao frontispício, cuja origem forasteira é evidente ao se comparar a enorme diferença de execução dela em relação às demais.





Trinta anos depois, em 1664, o alemão Hans Just Winkelmans se vangloria de ter descoberto, passado mais de um século, as matrizes de madeira originais da edição de Marburgo. Tudo vai bem até que, em meio a elas, surgem xilogravuras de homens encapotados para encarar temperaturas glaciais, quase esquimós. Além de uma gravura em metal, logo na abertura do livro, mostrando um mapa do Novo Mundo bem pouco acurado.





Columb: der kühne helt  
Erforscht des himmels zelt.



Dem himmel es gefällt.



Huts Glück auf gott gefällt.

HANS  
WINKE  
AMER  
NEUE  
BESCHRE  
Gedruckt z  
156



Erfind die neue welt.



Die bring





A ausência de rigor avançou pelo século XVIII até meados do seguinte. Numa edição publicada em Antuérpia, 1734, as diferenças de execução deixam claro que as gravuras vieram de várias fontes distintas. Sem mencionar que, ao lado dos já habituais povos do Oriente, dessa vez o texto de Staden ganha a inexplicável companhia visual de Jesus Cristo crucificado no Gólgota.

\*











**F**oram poucos os livros publicados sobre o Brasil durante o século XVI, o primeiro após o desembarque de Cabral. Completam a trinca mais popular, além da história de Staden, dois volumes escritos por membros da expedição capitaneada por Villegaignon na malfadada tentativa de se estabelecer uma colônia francesa por estes lados, a França Antártica, que durou de 1555 a 1560, nas proximidades do local onde, após expulsar seus adversários, os portugueses fundariam o Rio de Janeiro. O primeiro deles, lançado apenas um ano após o de Staden, em 1558, foi *Singularidades da França Antártica*. Assinado pelo frade franciscano André Thevet, o livro fez sucesso imediato à época e ajudou a alçar seu autor à função de cosmógrafo real. Sua obra posterior, *Cosmografia universal*, de 1775, também dedica seu tomo segundo à descrição destas terras e povos.

Thevet não primava pela modéstia. Mesmo tendo ficado apenas doze semanas no Brasil, boa parte delas doente de cama, arroga-se autoridade máxima na apresentação da fauna e flora locais, assumindo o improvável papel de testemunha ocular de tudo que nos conta. E, apesar de relatos bem pouco precisos (“Os habitantes do rio da Prata são